

‘CRIANDO UM NOVO MUNDO’ EM OFICINAS: TERRITÓRIOS, CARTOGRAFIAS FICTÍCIAS E COPARTICIPAÇÃO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Luiz Fabiano Martins Viana¹

(Graduando do curso de Geografia - UERN/CAPF, luizfabianoviana10@gmail.com)

Maria Larissa Ferreira da Silva²

(Graduanda do curso de Geografia - UERN/CAPF, maria.larissa65.com@gmail.com)

Marcos Willian Targino³

(Graduando do curso de Geografia - UERN/CAPF, marcos20230005210@alu.uern.br)

Larissa Mabel de Oliveira Vidal⁴

(Graduanda do curso de Geografia - UERN/CAPF, larissamabel2018@gmail.com)

Cássio Expedito Galdino Pereira⁵

(Docente do Departamento de Geografia - DGE - UERN/CAPF, cassioexpedito@uern.br)

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre a construção do conceito de território por meio da criação de mapas fictícios em uma oficina realizada com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, no contexto do Estágio Supervisionado I em Geografia. A partir de uma abordagem qualitativa, a pesquisa analisou como os estudantes representam e interpretam o território, articulando elementos físicos, sociais e políticos em suas produções. Fundamentado em autores que discutem a complexidade do território como espaço de relações de poder e territorialidades múltiplas, o trabalho evidencia a importância de metodologias participativas que valorizam o saber prévio dos alunos e promovem um ensino crítico e contextualizado da Geografia. Os resultados apontam que a prática colaborativa da construção de mundos fictícios estimula o pensamento crítico e a compreensão da dinâmica socioespacial, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e para a consolidação da identidade docente.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado; Mapas fictícios; Prática pedagógica.

GT5: Ensino de Geografia

1 INTRODUÇÃO

A experiência de estágio tem o poder de proporcionar uma reflexão profunda sobre a prática docente, sobretudo sobre a adaptação dos conteúdos perante as diferentes realidades do ensino brasileiro. O estágio supervisionado possibilita a obtenção de conhecimentos pedagógicos, permitindo que licenciados conheçam e tenham experiências em seu futuro ofício, vivenciando o cotidiano escolar e construindo seus saberes docentes. Nesse sentido, o estágio

revela-se como um espaço essencial para a consolidação da identidade docente, permitindo a vivência concreta da sala de aula e o desenvolvimento de estratégias que promovem a aprendizagem significativa, como, por exemplo, a coparticipação com a realização de oficinas (Martins; Tonini, 2016).

A presente pesquisa tem por objetivo analisar de que maneira a construção de territórios fictícios podem promover um melhor aprimoramento do conceito de território no ensino fundamental, ao mesmo tempo em que instiga uma formação docente mais voltada ao uso das práticas metodológicas ativas e colaborativas. Esse trabalho ainda busca compreender o processo de criação desses territórios e o entendimento sobre a formação e funcionalidade a partir desses mapas, levando em consideração uma oficina aplicada durante o Estágio Supervisionado I, do curso de licenciatura em Geografia, realizado em uma escola municipal em São Francisco do Oeste - RN.

Essa etapa formativa, marcada tanto por momentos de observação quanto pela realização de uma oficina intitulada “Criando um novo mundo: Oficina de Territórios Fictícios”, no 6º ano do Ensino Fundamental. A realização de oficinas pedagógicas é uma estratégia metodológica que vem sendo utilizada no ensino de Geografia, inclusive nos estágios supervisionados, envolvendo elaboração coletiva de conhecimento para possibilitar pela ação a reflexão, possibilitando uma aprendizagem significativa (Santos; Ferreira, 2023).

A escolha dessa temática se justifica pela importância que o conceito de território tem na Geografia contemporânea, pois trata-se de uma categoria que permite entender as relações de poder, identidade, pertencimento e transformação do espaço. Lecionar sobre território de forma prática e criativa possibilitou aos alunos não apenas memorizar definições, conforme a Geografia tradicional, mas experimentar, por meio da criação novos territórios imaginários, os elementos que formam e ordenam o espaço geográfico. A atividade consistiu em uma prática colaborativa e dinâmica, na qual os estudantes, em grupos, foram instigados a criar, a partir do uso da sua imaginação e do seu conhecimento prévio sobre o tema, um território fictício, delimitando fronteiras e inserindo elementos geográficos como rios, montanhas, cidades e áreas de uso do solo.

Portanto, corroborando com Cavalcanti (1998), o ensino de Geografia deve considerar o saber empírico dos alunos e sua realidade no dia a dia como ponto de partida visando a construção significativa do conhecimento, estabelecendo uma compreensão crítica e integral do espaço geográfico, em vez de uma didática meramente descritiva e/ou decorativa. A geografia

deve ultrapassar a simples apresentação de conceituações e definições soltas, ela deve tratar o espaço como algo concreto e dinâmico, com conflitos, desigualdades e transformações.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, com foco na aplicação prática, baseando-se também em aspectos descritivos e exploratórios. Conforme Gil (2010), Lakatos e Marconi (2017) a pesquisa qualitativa permite compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos às práticas desenvolvidas durante o estudo, enquanto a pesquisa aplicada busca direcionar o conhecimento produzido para agir de forma educativa e contextualizada. Já o caráter exploratório e descritivo justifica-se pela finalidade de entender como os alunos constroem, imaginam, simbolizam e representam o conceito de território a partir da prática.

A realização da oficina foi na Escola Municipal 7 de Setembro, em uma sala do 6º ano do ensino fundamental com cerca de 26 alunos. A escolha dessa instituição se deu por ser o espaço em que estava sendo materializado o estágio de observação, etapa essencial da formação docente. O convívio durante essa etapa de observação permitiu um conhecimento prévio da rotina escolar, das práticas pedagógicas e das características da turma, o que possibilitou a formulação de uma intervenção didática feita a partir das demandas observadas. O vínculo com o ambiente escolar e com a turma escolhida favoreceu a concretização de uma proposta metodológica mais eficaz e sensível à realidade da turma.

A oficina teve como propósito proporcionar a aplicação prática e colaborativa dos conceitos geográficos previamente trabalhados em sala de aula, com ênfase no entendimento do território, na apropriação do espaço e na identificação dos elementos físicos e humanos que compõem a paisagem geográfica. Os estudantes foram divididos em grupos de 6 componentes, recebendo cartolinas em branco, lápis, canetas coloridas e réguas, os quais serviram de suporte para a construção coletiva de um território imaginário. Os grupos deveriam estabelecer marcações que iriam delimitar os territórios e atribuírem um nome que expressasse a identidade do espaço criado. Além disso, foi requerida a inserção de diversos elementos naturais, como rios, montanhas e florestas, e de elementos antrópicos, como cidades, estradas, áreas agrícolas e zonas habitadas, evidenciando a interrelação entre o ambiente natural e as dinâmicas socioculturais na configuração espacial. Na etapa final, cada grupo apresentou oralmente seu projeto territorial, justificando as escolhas quanto à organização dos elementos,

a dinâmica social imaginada e as possíveis relações políticas e ambientais presentes na composição do território.

A coleta dos dados foi dada a partir da observação dos participantes durante a oficina, utilizando como instrumentos o diário de campo, registros fotográficos e anotações descritivas. As produções dos alunos, os mapas fictícios, também foram analisadas como materiais empíricos que evidenciam a compreensão dos conteúdos trabalhados. Durante a apresentação oral dos grupos, foram anotadas falas significativas, interpretações simbólicas e justificativas relacionadas à construção do território. Essa combinação de observações diretas, registros visuais e produções dos estudantes permitiu um olhar mais aprofundado sobre o modo como os conceitos geográficos foram apropriados e ressignificados pelos participantes.

A análise dos dados feita durante a oficina foi realizada de forma qualitativa, buscando compreender as interpretações e significados atribuídos pelos alunos a atividade que foi desenvolvida. Os registros de observação, as produções dos mapas fictícios e as falas durante as apresentações orais foram analisados de forma descritiva e interpretativa, considerando o contexto social e educacional em que os estudantes estão inseridos. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a análise qualitativa é indutiva, na compreensão dos fenômenos a partir das perspectivas dos participantes, o que permite identificar padrões, categorias emergentes e sentidos construídos durante a experiência pedagógica. Com base nisso, as análises das produções dos estudantes foram feitas contando com a presença e organização de elementos geográficos, a coerência interna dos territórios criados e a articulação entre espaço físico e aspectos sociais, políticos e culturais. Essa análise buscou valorizar não apenas os conteúdos trabalhados, mas também os processos de aprendizagem e interação envolvidos, como destaca Kimura (2008).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito de território, muitas vezes confundido com o de espaço geográfico, é frequentemente utilizado de uma forma muito generalizada, em alguns casos isso é visto até nos textos acadêmicos. Souza (2013), destaca que essa confusão não é apenas um “equivoco”, mas sim costumes de concepções que, muitas das vezes, adulteram o real conceito do território. Ainda que o termo esteja historicamente ligado ao discurso do Estado-nação, corriqueiramente se negligência sua dimensão relacional e conflituosa, marcada por relações de poder. Segundo essa linha de pensamento, Raffestin (1993) afirma que o território é entendido como um produto da ação de um ator que se apropria de um determinado espaço, aplicando nele relações de poder.

Em destaque a isso, Saquet (2013) justifica que o território se constitui e se constrói por meio de múltiplas territorialidades, atravessadas por disputas e resistências, moldadas por instituições e práticas sociais cotidianas.

Haesbaert (2023) diz que o território é, antes de tudo, um conjunto de atos, formado pela sua utilização e pelas ações humanas e sociais que o formam, sendo mais que um simples espaço material. Por outro lado, a própria noção de delimitação política é contraposta por Sousa (2012), que dá atenção para uma concepção restrita e dual do território nacional, muitas vezes resumido a sua área superficial, descartando outros aspectos como o espaço aéreo, o subsolo e o território marítimo. Há então um impasse das aulas de Geografia, que priorizam em uma abordagem cartesiana, objetivando trabalhar fronteiras, bem como ver localizações e quantificações com as coordenadas e escalas numéricas (Fabrício; Cazetta, 2018).

Massey (2008) expõe que muitas das vezes caímos na armadilha dos mapas como uma representação ordenadora, demonstrando uma ideia de haver somente uma superfície, ou seja, não captando o espaço em sua multiplicidade e dimensão aberta. É por esse motivo que devemos estimular e diversificar o uso de outras cartografias em sala de aula, promovendo muito mais que apenas uma leitura de mapas, fazendo com que estudantes sejam mais do que leitores de mapas, e que possam apresentar suas produções geográficas, manifestando fisicamente os mapas que estão em suas cabeças (Seemann, 2013). Nessa mesma linha de pensamento, Fabrício e Cazetta (2018) defendem que podemos trazer para a escola os mapas imaginários, inserindo mundos fictícios, baseado nas fantasias, no conhecimento sobre a temática e sobre o seu cotidiano.

Nesse contexto, a construção de mapas ficcionais tem se mostrado um forte aliado como metodologia pedagógica, se tornando fundamental na aprimoração em relação ao conceito do território e de que ele é composto. De acordo com Carvalho (2024, p. 16), os mapas fictícios são “mapas de espaços imaginados que foram inventados a partir da criatividade com os objetivos que variam da criação de mundos fictícios à prática artística de desenho profissional”. Para esse autor, frequentemente estes mapas são visualizados nos jogos de videogame, obras audiovisuais e livros de fantasias, possuindo diversos significados e formas múltiplas. Portanto, a clareza das representações cartográficas cartesianas, determinadas pela realidade hegemônica da ideia de espaço, são colocadas de lado, possibilitando que o espaço tenha possibilidade de se criar pela imaginação outras lógicas do mundo, assim, surgindo outros territórios (Fabrício; Cazetta, 2018).

Ao possibilitar que os alunos possam ilustrar de forma fictícia os territórios a partir de seus próprios referenciais e de sua criatividade, esses mapas evidenciam territorialidades vivenciadas, cotidianas e sociais, que vão além da cartografia tradicional. Na perspectiva de Gisele Girardi (2012) o uso de mapas alternativos, como os mapas de territórios fictícios, fomenta as metodologias para o ensino de Geografia, já que instigam o apreço pelo lugar e pelas experiências dos sujeitos, além de promoverem um olhar crítico sobre os espaços. Esse tipo de prática potencializa a construção de noções espaciais e políticas, auxiliando para desmistificar visões simplistas e potencializar uma compreensão integral e centrada do território. Dessa forma, pensar o território acarreta admitir sua complexidade, pluralidade e constante transformação a partir das dinâmicas sociais, políticas e ideológicas que o permeiam.

No planejamento da oficina no estágio foi necessário construir, juntamente com a professora supervisora, um plano de aula que abrangesse todos os objetivos, assuntos e metodologias que seriam trabalhadas em sala de aula. Assim, a escolha da oficina “Criando um novo mundo”, buscou integrar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o conteúdo já desenvolvido na turma e a respeito do conceito geográfico de território, que proporcionasse uma experiência participativa e divertida para os alunos.

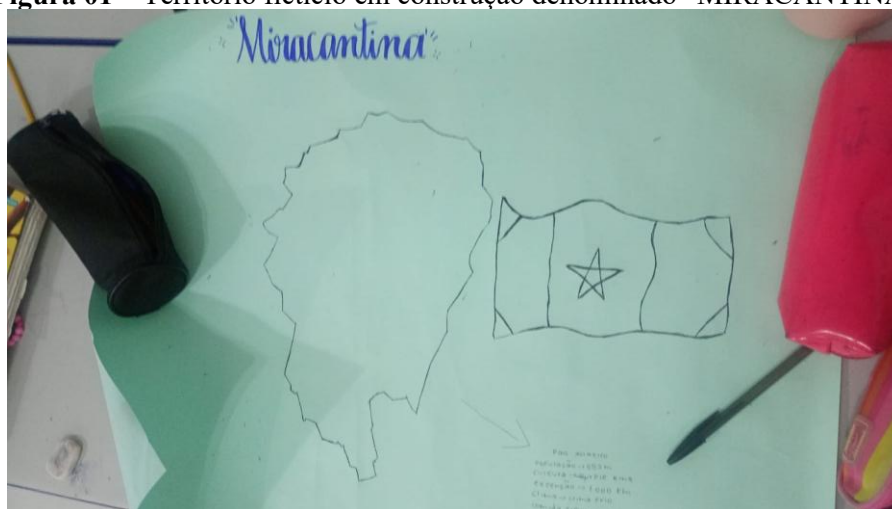
Nesse sentido, o primeiro momento foi dedicado a uma pequena aula teórica para rememorar o conceito de território. Nessa etapa introdutória, foi abordado o conceito, destacando sua definição como espaço delimitado por relações de poder, apropriação e pertencimento, focando também nos elementos que compõem o território, como os aspectos físicos (rios, relevo, vegetação) e os aspectos humanos (infraestrutura, organização social, usos diversos do espaço). Essa etapa foi essencial para que os alunos pudessem lembrar os estudos já feitos sobre esse assunto, fazendo com que eles conseguissem, de forma mais dinâmica, associar ao seu cotidiano e criar um território ficcional que contemplasse todos os elementos discutidos.

Logo após a ministração de uma miniaula sobre o conceito de território, os alunos foram distribuídos em grupos de seis integrantes e receberam os materiais necessários para a confecção dos mapas imaginários, os materiais utilizados previamente foram as cartolinas, canetas coloridas, lápis, borracha e régua. Houve um pequeno diálogo para apresentar o objetivo da construção dos territórios, tendo como intuito a estimulação dos discentes para que eles pudessem fazer uso dos conhecimentos sobre território por meio da criação de um espaço imaginário, mas com base em elementos geográficos reais. Durante o processo da construção

dos mapas, foi possível observar uma maior participação dos alunos e o seu maior envolvimento com a temática abordada, podendo ser destacado a criatividade, a iniciativa e a cooperação na atividade em andamento. Foi se acompanhando ativamente os grupos, mediando dúvidas, incentivando o pensamento crítico e promovendo reflexões sobre as decisões tomadas por cada grupo.

Após a conclusão da construção dos mapas, foi iniciado às apresentações referente à cada território criado, destaca-se que foram momentos ricos de troca e reflexão, pois os estudantes explicaram os critérios utilizados para organização do espaço, os nomes escolhidos e a função dos elementos representados. A partir das apresentações orais, ficou notório a apropriação dos conceitos geográficos, bem como o enaltecimento do protagonismo estudantil no processo de ensino-aprendizagem. Nas figuras abaixo, 01 e 02, pode-se observar a ilustração dos territórios criados a partir dos conhecimentos teóricos e cotidiano dos alunos, resultando em representações únicas e significativas do espaço geográfico.

Figura 01 – Território fictício em construção denominado “MIRACANTINA”



Fonte: Autorias (2025).

A produção da figura 01, mostra o território fictício de “Miracantina”, além da atribuição de um nome tão único, o aluno ainda criou uma bandeira para o território e o formato de seus limites espaciais. é possível notar que estudante abstrair importantes aprendizados sobre o território, como a identidade por meio de bandeiras e a delimitação espacial.

Figura 02 – Território fictício em construção denominado “DURKOMENISTÃO”



Fonte: Autorias (2025).

A figura 02 exige o território fictício intitulado “Durkomenistão”, a nomenclatura por si só chama a atenção, pois assemelha-se a países da Ásia central, como Turcomenistão, Afeganistão, Cazaquistão e Uzbequistão. Tal semelhança pode significar um conhecimento global do aluno sobre territórios. Além disso, vale destacar a delimitação do espaço, designação de uma bandeira e a subdivisão interna do território, o que demonstra uma boa compreensão sobre os limites territoriais, organização do espaço e fronteiras políticas.

Cada equipe demonstrou, por meio dos desenhos e explicações orais, a capacidade de interligar elementos físicos e humanos, demonstrando compreensão sobre a organização, representação, identidade e ocupação de um território. As produções revelaram, ainda, aspectos culturais, como bandeiras e nomes, e políticos, como a delimitação de fronteiras e divisas, inspirados tanto em realidades vividas quanto na imaginação, o que reafirma a importância pedagógica desse tipo de oficina como recurso para um ensino crítico, dinâmico e contextualizado da Geografia.

4 CONCLUSÕES

A pesquisa possibilitou compreender a relevância da utilização da oficina de criação de mapas de territórios fictícios como ferramenta pedagógica no ensino da Geografia, sobretudo ao trabalhar o conceito geográfico de território. A oficina “Criando um novo mundo” demonstrou muita eficácia ao promover uma construção significativa do conhecimento geográfico, além de estimular a participação ativa e o envolvimento de todos os alunos na atividade, assim gerando um aprendizado sobre os conceitos geográficos, de forma crítica, pois

foi além da simples memorização. A criação coletiva dos territórios fictícios possibilitou que os alunos expressassem suas visões, conhecimentos e imaginações, ligando elementos físicos, sociais, culturais e políticos, conforme evidenciado nas produções e durante as exposições.

O estudo qualitativo mostrou que a criação de mapas fictícios são ferramentas capazes de aproximar o ensino da realidade dos alunos, integrando o seu conhecimento empírico, estimulando o pensamento sobre o conceito de território e sua funcionalidade. Além disso, a junção entre teoria e prática na metodologia é essencial para a formação docente e para desenvolver estratégias pedagógicas que aumentam o interesse e a compreensão dos alunos, fortalecendo a escola como espaço de construção de um conhecimento crítico e cidadão.

Apesar de tratar-se de uma experiência pontual e com tempo reduzido, a pesquisa apresentou algumas restrições, pois nem as perspectivas teóricas puderam ser desenvolvidas diretamente com os alunos. Outrossim, a aplicação ocorreu em apenas uma turma, o que restringe a generalização dos resultados. Outra limitação refere-se à ausência da observação prolongada, que possibilitaria analisar os desdobramentos posteriores da prática, que permitiria avaliar os impactos duradouros da atividade na aprendizagem dos estudantes.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CARVALHO, Brendo Francis. **Cartografias criativas de cartógrafos ficcionais: técnica, referência e estilos**. 2024. 229 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2024.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FABRICIO, Deyse Cristina Brito; CAZETTA, Valéria. Cartografias e criação de mundos fictícios: leituras outras na educação geográfica. **Linha Mestra**, p. 8-17, 2018.

GIRARDI, Gisele. Mapas alternativos e educação geográfica. **Revista Percursos**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 39–51, jul./dez. 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios e territorialidades: da desterritorialização à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino Básico**. São Paulo: Contexto, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, Rosa Elisabete Militiz W.; TONINI, Ivaine Maria. A importância do estágio supervisionado em Geografia na construção do saber/fazer docente. *Geografia Ensino & Pesquisa*, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 98–106, 2016.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Território e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 73-94.

SEEMANN, Jörn. **Carto-Crônicas**: uma viagem pelo mundo da cartografia. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SOUSA, Roberto Ribeiro. Território, cartografia e ensino de geografia: limites e possibilidades na construção de saberes escolares. **Revista Terra Livre**, São Paulo, n. 39, p. 107–126, 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p. 77–116.
